BOLETIM SEMANAL
DO GABINETE DE ANÁLISES POLÍTICAS

ANGOLA E ÁFRICA AUSTRAL NA IMPRENSA

Nº 34/76

ÍNDICE

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

A N G O L A NA IMPRENSA NACIONAL

de 27 de Setembro a 1 de Outubro

ACTIVIDADES DO MPLA E ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

27.9 - A 1º reunião Extraordinária da Organização dos Pioneiros angolanos, estabeleceu as tarefas organizativas a realizar até 11 de Novembro.

29.9 - No encerramento do 1º Curso Nacional de Informação e Propaganda, o Cda Lúcio Lara entregou diplomas aos estagiários e falou sobre as actuais dificuldades da informação e da necessidade de quadros (Ver ANEXOS)

- A JMPLA estuda em conjunto com uma delegação do MPJ (Movimento Panafricano da Juventude), que se encontra no País, a realização do próximo Festival Panafricano da Juventude, a realizar em Luanda em 1978.

- O Camarada Nito Alves visitou a fábrica de óleo "Induve", a convite dos seus Grupos de Acção, onde inaugurou uma "banca do militante" e falou sobre as consequências políticas da melhoria da produção (Ver ANEXO)

- Comunicado da Comissão Directiva Regional de Luanda do MPLA, que lança apelo aos cultivadores de algodão, para o colherem totalmente.

1.10 - O Secretário do Bureau Político, camarada Lúcio Lara, seguiu para Lubango acompanhado pelos Camaradas Dangereux do EMG das FAPLA e Nsaji, da DISA.

- Os responsáveis da Estrela Nacional da OPA falam sobre as decisões tomadas na 1º Reunião Extraordinária da Organização dos Pioneiros Angolanos, principalmente no que se refere à organização.

- O DOP da JMPLA levará a efeito um curso de reciclagem destinado a cerca de 50 militantes na fazenda "Amizade Angola-Cuba" (ex-Bom Jesus)

* * * * * * ** * * * * * * *

ACTIVIDADES DO GOVERNO

27.9 - Vindo de Lusaka, onde reuniu com os chefes de Estado de Moçambique, Zâmbia, Tanzânia e Botswana, o Camarada Presidente Dr, Agostinho Neto, divulgou o comunicado conjunto que rejeita as propostas anglo-americanas aceites por Ian Smith. O Camarada Presidente esclareceu a posição tomada e falou na questão da Namíbia (Ver ANEXO).

- O Camarada Aires Machado, Ministro do Trabalho, visita Cuba, onde foi esclarecido sobre as estruturas do Ministério do Trabalho e respectivos vice-ministérios, inteirou-se do sistema de segurança social dos trabalhadores, qualificação técnica, planificação de mão-de-obra. Visitou também o Centro Nacional de Investigação Científica do Trabalho e os Laboratórios de Psicofisiologia do Trabalho.

.../...

O Primeiro Ministro, Camarada Lopo do Nascimento, visita a Itália a convite do Governo italiano. A delegação é composta pelo Camarada Saydi Mingas, Secretário de Estado das Finanças, Camarada Kabulo, Secretário de Estado das Comunicações e Camarada Tutu, Secretário de Estado da Indústria e Energia.

28.9 - O Camarada António Jacinto, ministro da Educação e Cultura, visita o Lubango acompanhado por uma delegação cubana do Serviço de Educção e Cultura daquele País. Foram visitados diversos liceus, a Universidade ea Escola de Reentes Agrícolas do Tchivinguiro.

- Despacho do Secretariado de Estado das Finanças que estabelece a anulação das apólices dos seguradores que saíram do país, com excepção das firmas ou empresas necessárias à reconstrução nacional.

- O Camarada Lopo do Nascimento, Primeiro Ministro, foi recebido pelo Primeiro Ministro italiano, Giuliu Andreotti. Duante a visita de 4 dias à Itália, o Camarada Lopo tratará de questões de cooperação entre os dois países.

29.9 - O "Jornal de Angola" entrevista o responsável pelo Centro de Colocação de Luanda. Além dos problemas burocráticos e a dificuldade resultante da abundância de mão-deobra não qualificada e a procura de mão de obra qualificada, o responsável referiu a procura de emprego por parte de camponeses que fogem à vida dura do campo e pretendem entrar para o sector operário, devido às melhores condições de vida. Segundo omesmo camarada, a única solução para este problema é acabar com o desnível entre operários e camponeses.

- O Camarada José Eduardo, Ministro das Relações Exteriores da RPA, partiu para a cidade da Praia, Cabo-Verde, para reunir com o seu homólogo português, a fim de tratar da normalização das relações diplomáticas. O Ministro encontrar-se-á também com o Ministro dos Estrangeiros Cabo verdiano.

- A Directora Geral do MEC encontra-se na RDA para participar no 7º Colóquio Pedagógico Internacional e estudar a formaçãode quadros médios no sistema educacional alemão.

30.9 - A DISA (Direcção de Informação e Segurança de Angola) anunciou a expulsão do francês Albert Bertrand, acusado de espionagem e de ter relações com a FNLA.

- Nota da Direcção Geral da informação que desmente notícias provenientes de Joanesburgo, segundo as quais soldados das FAPLA e da SWAPO teriam massacrado elementos da população no Sul, como represália a um ataque da UNITA contra uma unidade das FAPLA.

- O Comissário Municipal de Luanda disse que, para resolver o problema do lixo recebeu 600 contentores, 6 camiões, mandou fazer sacos de plástico para evitar que o lixo seja deitado em qualquer lado e informou sobre umprograma de colaboração com as CPB, em que estas devem mobilizar a população do bairro para uma limpeza semanal.

.../...

- O Camarada Aires Machado encontrou-se com o Secretário da Central dos trabalhadores Cubanos e referiu-se ao estímulo que representava a presença dos trabalhadores cubanos em Angola. Depois falou na falta de pessoal qualificado, e dos esforços de formação de quadros em que o Governo está empenhado, referindo-se ao papel dos sindicatos neste campo

- Por despacho do Ministério do Planeamento, foi interdito o abate ou a transacção de gado suíno sem autorização da Direcção Provincial de Agricultura de Luanda. Por outro lado foi criado o Grupo de Apoio à Comercialização dos Produtos Agrícolas e Fornecimento de Meios de Produção, o que vem aliviar os pequenos camponeses na colocação dos seus produtos no mercado, evitando a venda a baixo preço, e vem trazer ajuda em material de cultivo.

- Criada uma Comissão governamental (Min. do Planeamento) a fim de eventariar o patrimônio da Mineira do Lobito que está parada, com o objectivo de preservar o material e dar solução urgente à unidade de produção.

- O Tribunal militar reune em Calulo para julgar um grupo de militares acusados de actosde banditismo grave, como por exemplo a morte da Sº Bickmann e filho, cidadãos alemães, e de diversos elementos do Povo.

- Foi ratificado pelo Presidente da República o acordo consular URSS - RPA estabelecido pelo Camarada Primeiro Ministro em Moscovo. Este acordo define a instalação de consulados, funções, privilégios e imunidades do pessoal consular.

1,10 - Foi divulgado o comunicado conjunto Portugal-Angola sobre as conversações entre os ministros dos estrangeiros na Cidade da Praia, Cabo-Verde, onde se decidiu : estabelecer relações diplomáticas a nível de Embaixada, criar comissões estatais para tratar dos problemas levantados pela existência da comunidade portuguesa em Angola e da comunidade angolana em Portugal.

- Uma delegação do CPPA, dirigida pelo Comissário Político Nacional, Camarada Saraiva de Carvalho, encontra-se na Lunda a fim de verificar os problemas da polícia.

- Foi encerrado o curso de formação de Artilharia Terrestre na Escola de Pequenas Unidades Militares, no Grafanil. Estiveram presentes o capitão José Maria do EM e o camarada Ingo, Comissário Político do Gabinete das Academias Militares de Angola.

- O Camarada Presidente visitou inesperadamente no Golfe a unidade piloto de casas pré-fabricadas, enquadrada por técnicos cubanos.

- Foi inaugurada a primeira CPB da cidade do Lobito, no Bairro da Lixeira 2º fase. Estiveram presentes o Camarada Arão, Comissário Provincial e o camarada Artur Filipe,da Comissão Directiva do MPLA.

- Uma delegação de técnicos do Departamento de Saúde Extra-Hospitalar do Ministério da Saúde, encontra-se na Província do Uíge a fim de estudar a planificação do sistema sanitário. Entretanto, deu cursos de educação sanitária aos alunos do 2º ano e posteriormente dará aos professores, afim que estes sejam agentes de saúde.

* * * * * * * * * * * * *

.../...

REALIDADE E RECONSTRUÇÃO NACIONAL

27.9 - No âmbito dos acordos de cooperação técnica entre Angola e Cuba, chegaram a Angola 15 médicos e técnicos cubanos de saúde pública. Alguns dos quadros serão colocados em Dalatando, Malanje e Gunza Kabolo.

28.9 - O camarada Alvaro Faria, responsável da Direcção Provincial do Café do Uíge, diz que as tarefas são : manter a produção nas 429 fazendas abandonadas pelos portugueses e dar apoio aos camponeses no cultivo e compra do seu café. Sobre oproblema do trabalho afirmou : "Na época colonial havia permanentemente 40 ooo trabalhadores, chegando ao dobro na época das colheitas. Devido ao condicionalismo da guerra restam cerca de 10 000, que permanecem de acordo com as medidas tomadas : pagamento de salários, alimentaçãoassegurada e esclarecimento político." Sobre a mnaeira de superar o problema da mão-de-obra, disse que o trabalho voluntário ajudou. No momento, a Direcção encontra-se empenhada em recuperar material técnico e de transporte danificado.

* * ** * * * * * * * * *

ANGOLA E O MUNDO

30.9 - O ministério das Relações Exteriores informa que Angola estabeleceu relações diplomáticas com a Suiça.

- Homateni Kaluenja,membro do Comité Fxecutivo da SWAPO, deu uma conferência de imprensa em Luanda, dando a relação das acções do seu exército, mostrando material recuperado e fez a denúncia da existência de mercenários israelitas no exército sul-africano.

1.10 - O "Jornal de Angola" entrevistou Nicolas Bwakira, delegado permanente no nosso país do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados, que disse calcular em 1 milhão os refugiados angolanos, 700 000 deslocados dentro de Angola e cerca de 500 000 da República do Zaire. Há planos preparados para auxiliar esses refugiados, tanto na viagem até ao local de origem como à sua chegada. Para isso serão dispendidas 48 000 toneladas de víveres e cerca de 32,5 milhões de dólares para as necessidades mais urgentes, como aimentação às crianças, pessoas idosas e mães, além do fornecimento de medicamentos. O programa da ONU prevê ainda o apoio à instalação definitiva dos refugiados. As províncias angolanas onde há maior número de refugiados é o Zaire, Uíge, Malanje e Moxico.

- Na celebração do 16º aniversário dos Comités de Defensa de la Revolución (CDR) a solidariedade com Angola por parte de Cuba foi evocada por Fidel e pelo 1º Ministro de São Tomé, Miguel Trovoada.

28.9 - O "Jornal de Angola" entrevistou longamente Marcelino dos Santos, vice presidente da FRELIMO. Grande parte da entrevista encontra-se em ANEXO

* * * * * * * * * * * * * * *

.../...

AFRICA AUSTRAL (na imprensa nacional)

27.9 - Comunicado da reunião dos 5 chefes de Estado da "linha da frente" em Lusaka (ver ANEXO)

- A questão do apartheid será discutida em Assembleia Geral das Nações Unidas.

28.9 - Sithole, dirigente da ANC, condenou as propostas anglo-americanas para a Rodésia, por terem como objectivo sufocar a guerrilha e manter os interesses neocolonialistas no país.

- Chidaw Chirimuta, porta-voz do Exército Popular do Zimbabwe, anunciou em Londres um plano de 6 pontos para que a sua organização aceite o cessar-fogo. O plano inclui a rendição incondicional do regime minoritário branco.

- O Conselho de Segurança da ONU reinicia o debate sobre a Namíbia.

- O Governo inglês aceitou convocar uma conferência para a formação de um Governo de maioria na Rodésia, reagindo favirávelmente à posição dos 5 Presidentes da "linha da frente".

- Capitalistas ingleses aguardam ansiosos o levantamento das sanções contra a Rodésia para reiniciarem os seus negócios naquele país.

29.9 - Ian Smith voltou atrás nas suas exigências de que a Presidência do Conselho de Estado e os ministérios de Defesa, Justiça e Finanças ficassem com brancos, admitindo que são "pontos negociáveis". E convida para conversações em Salisbúria o enviado inglês Ted Rowlands que esteve na Africa do Sul e vai para o Botswana assistir às comemorações da independência.

- O Presidente da OUA, Sir Ramgoolan, após conversar com Schaufele, adjunto de Kissinger para assuntos africanos, afirmou : "Fizeram-se alguns progressos, mas permanecem alguns pontos por esclarecer."

30.9 - O Ministro dos Estrangeiros britânico, Anthony Crosland, propôs que a Conferência para formar o Governo interino na Rodésia se iniciasse dentro de duas semanas num ponto da Africa Austral aceite pelas partes envolvidas. Para presidente da Conferência indicou o embaixador britênico na ONU, Ivor Richard.

- Dirigentes nacionalistas do Zimbabwe - Nkomo, Muzorewa, Sithole e Mugabe (chefe do ZIPA, exército Popular do Zimbabwe) - tiveram conversaçes em Maputo para formar uma coligação político-militar parra coordenar as acções contra o regime de Smith.

- Os Presidentes Khama do Botswana e Kenneth Kaunda da Zambia, reuniram-se em Goberones (Botswana) com Ted Rowlands, enviado inglês e William Schaufele, dos Estados Unidos. A comemoração do 10º ano da independência do Botswana foi o pretexto. A reunião não teve o alcance esperado porque os Presidentes de Angola, Moçambique e Tanzania cancelaram as suas visitas ao Botswana.

.../...

1.10 - O regime racista da Rodésia insiste na discussão da sua proposta.

- Samora Machel, entrevistado pelo "Times" (Inglaterra) diz que a luta armada no Zimbabwe prosseguirá até umacordo claro para transferir o poder para a maioria. O regime racista tenta transformar a derrota em vitória
- O diário "Nhan Dan" do Vietnam noticia que os africanos e os nacionalistas do Zimbabwe rejeitaram o plano Kissinger e que contam com o apoio de todo o mundo progressista.

- O Partido Trabalhista britânico, no seu Congresso anual, considerou inaceitáveis as propostas do governo racista da Rodésia.

- Sam Nujoma, Presidente da SWAPO, falando no Conselho de Segurança da ONU reafirmou a condenação da Africa do Sul que ocupa a Namíbia, e as "Conferências de Windhoek" e exigiu sanções contra o regime racista sul-africano.

- O Ministro dos Estrangeiros da Nigéria, Joseph Gorba, pediu a retirada dos sul-africanos da Namíbia, num duro ataque ao regime do apartheid, perante o Conselho de Segurança da ONU.

- Kissinger apresentou à Assembleia Geral da ONU os planos americanos para a solução negociada ba Africa Austral, enfatizando a aceitação por smith do princípio do Governo da maioria e omitindo as posições dos 5 Presidentes da "linha da Frente". Quanto à Namíbia, propõe uma conferência constitucional em lugar neutro, sob os auspícios da ONU, com a SWAPO participando junto com outras forças nacionais "autênticas".

* * * * * * * * * * * * * *

D I V E R S O S

29.9 - Inaugurado o plenário do Comité Central do Partido Congolês do Trabalho em Brazzaville, que preparará os documentos para a próxima conferência Nacional do Partido.

- Indira Ghandi, Primeiro Ministro da India, desloca-se a Africa onde terá conversações com chefes de Estado das Ilhas Maurícias, Tanzânia e Zambia.

* * * * * * * * * * * * * * * *

:::/...

AFRICA AUSTRAL NA IMPRENSA E RADIO ESTRANGEIRAS

A N G O L A

A Imprensa portuguesa dá destaque ao encontro dos ministros dos Estrangeiros angolano e português, em Cabo Verde, com optimismo quanto às relações entre os dois países.

* * * * * * * * * * * * * * *

REPERCUSSÕES INTERNACIONAIS DO COMUNICADO DA CIMEIRA DOS 5 CHEFES DE ESTADO

RADIO SUL AFRICANA - 26.9.76

Os 5 Presidentes africanos rejeitaram as propostas expressas por Smith, e pediram ao governo britânico paza convocar imediatamente uma conferência constitucional fora da Rodésia. Os Estados Unidos e a Inglaterra continuam optimistas, apesar da rejeição dos termos propostos por Smith.

VOZ DA AMERICA - 26.9.76

O Departamento de Estado americano acolheu com satisfacção a declaração publicada domingo pelas 5 nações africanas a respeito da Rodésia. O Departamento de Estado diz que os 5 países aceitaram a proposição fundamental anglo-americana para um governo de maioria na Rodésia, daqui a 2 anos. Os dirigentes dos 5 Estados africanos teriam reservas sobre certos aspectos do plano. Querem que as conversações em vista do estabelecimento de um Governo de transição se realizem fora da Rodésia, e não na Rodésia como Smith havia anunciado no seu discurso de quarta-feira.

BBC (Inglaterra) - 27.9.76, 7h 30

Os 5 Presidentes africanos que se encontraram em Lusaka, pediram que a Grã-Bretanha organise uma conferência que teria como objectivo instalar um governo de transição na Rodésia. O governo britânico regiu imediatamente a esse pedido. M. Crosland, Ministro dos Negócios Estrangeiros, declarou que a Grã-Bretanha estava pronta a reunir uma tal conferênci.. a fim de estudar a estrutura e as funções do governo provisório. O ministro acrescentou que Londres esperava agora que as partes interessadas lhe façam saber como e quem participaria na Conferência. Disse também que a Grã-Bretanha partilhava o ponto de vista expresso pelos dirigentes africanos, isto é, que esta conferência preliminar deveria estudar como e quando seria possível reunir uma outra conferência, plenária desta vez, para preparar uma nova constituição para a Rodésia. M. Crosland sublinhou, como o fez o Departamento de Estado americano, que os dirigentes africanos haviam aceitado os dois elemntos essenciais do plano anglo-americano, isto é, a passagem do poder à maioria negra dentro de 2 anos e um governo provisório com um primeiro ministro negro.

.../...

BBC - 27.9.76

Segundo o nosso correspondente em Maputo, os responsáveis do ZIPA, movimento militar, felicitaram-se pela determinação expressa pelos dirigentes africanos de continuar o seu apoio à guerra de guerrilha. Pela segunda vez em dois dias, a ZIPA difundiu um comunicado pela rádio, condenando a intervenção americana nos negócios rodesianos.

A IMPRENSA BRITANICA, SEGUNDO A BBC - 27.9.76

FINANCIAL TIMES : Uma conferência constitucional organizada sob os auspícios da Grã-Bretanha é o único meio de prevenir um novo Congo e, diz o editorialista do jornal financeiro, é uma responsabilidade que o governo de Callaghan não poderá esquivar. Ele poderá certamente exigir o apoio da Africa do Sul e dos Estados Unidos, mas não poderá ocultar-se por detrás deles.

GUARDIAN : O pedido dos Chefes de Estado é razoável. Formulado talvez numa linguagem que carece de moderação, mas descreve de maneira exacta os perigos que comporta o plano Kissinger. Um jornalista deste jornal liberal analisa o que chama de "erro de cálculo do Secretário de Estado americano", um erro que consistia em omitir um dos aspectos, e não dos menores, pois trata-se, nada mais nada menos, do movimento nacional.

DAILY MAIL : Terminada agora a independência ilegal da Rodésia, quem será responsável dos negócios rodesianos até que um governo aceitável seja instalado ? A resposta é clara para o Daily Mail : é a coroa britânica. Kissinger soube habilmente livrar-se das suas responsabilidades. Da mesma opinião é o "Glasgow Herald".

THE TIMES : Se a Grã-Bretanha deve jogar o seu papel durante o período de transição que precede o acesso da Rodésia a um Governo representativo da maioria negra, é preciso compreender e aceitar que a comunidade branca também terá a sua palavra a dizer, mesmo se isso implica que Smith seja de novo levado a ter um certo papel a jogar. E a melhor solução, segundo o Times, seria uma nova constituição, estabelecida na Rodésia pelos Rodesianos, o que quer dizer tambem os rodesianos de raça branca.

DAILY EXPRESS : Considera a declaração dos 5 Presidentes como um sinal da sua vontade de passar pelo processo constitucional correcto

DAILY TELEGRAPH : Os soviéticos têm tudo a ganhar com a perpetuação de um conflito armado entre negros e brancos na Africa Austral

SCOTSMAN : O tom da declaração é simplesmente desagradável e deprimente. Ela poderia ter sido escrita no Kremlin, exclama o editorialista do jornal escocês.

YORKSHIRE POST : O progresso para um Governo democrático na Rodésia é entravado por países africanos que gozam do apoio soviético e por extremistas rodesianos negros que operam a partir de Moçambique.

LE MONDE - 28.9.76 : Os Africanos rejeitaram o processo aceite por Smith. Sob este título, o "Le Monde" comenta a "confusão a respeito do processo que deveria conduzir a maioria negra ao poder na Rodésia". Sem concluir pela total discrepância entre as posições anglo-americana-rodesianas e as dos africanos, analisa as "importantes divergências" entre elas. Ao mesmo tempo

.../...

resume as reacções à declaração dos 5 Presidentes da Linha da Frente :

Washington : Kissinger estimou, domingo, que os dirigentes africanos não haviam rejeitado verdadeiramente as suas propostas".
Londres : O Secretário dos Negócios Estrangeiros, Anthony Crosland, anunciou que o seu governo estava pronto a participar na organização de uma conferência do tipo que foi reclamado em Lusaka.
Salisbúria : Van der Byl, Ministro rodesiano dos Estrangeiros, indicou que "não seria nada razoável esperar uma mudança de posição" do seu governo
Pretória : John Vorster, Primeiro ministro sul-africano, afirmou que o comunicado de Lusaka lhe parecia "dificilmente compreensível".

BBC - 29.9.76

O Ministro dos Estrangeiros, Crosland propôs a realização de uma conferência para discutir a formação de um governo provisório na Rodésia, dentro de 2 semanas, num lugar na África Austral aceitável pelas partes interessadas. Sugeriu que o presidente seja o embaixador britânico nas Nações Unidas. O Presidente Kaunda assegurou que se Ian Smith abandonasse o seu regime ilegal, haveria um lugar para ele e outros brancos numa Rodésia governada pela maioria. Mas Samora Machel expressou outra opinião. Em entrevista à BBC disse que os brancos rodesianos tinham o seu próprio país para onde ir : a Grã-Bretanha.

VOZ DA AMÉRICA - 30.9.76

Os líderes africanos e os nacionalistasrodesianos receberam bem a proposta britânica para uma conferência dentro de 2 semanas para discutir a formação de um governo de transição. O governo de transição é parte da soluçaoaceite pelo governo da Rodésia. A conferência seria na África Austral, o presidente seria o embaixador inglês nas Nações Unidas, mas as negociações pormenorizadas seriam deixadas aos negros e brancos da Rodésia.

O Secretário de Estado americano Kissinger encontrar-se-á com Ivor Richard hoje, Os Estados Unidos não tencionam tomar parte nas conversações rodesianas. Os enviados americanos e inglês, Schaufele e Rowlands, estão no Botswana discutindo a conferência com os líderes africanos.

Frost, líder da Frente rodesiana, partido de Smith, disse que o seu Governo deve actuar rapidamente para instalar um governo provisório. Frost disse que uma constituição é necessária para garantir a todos os rodesianos um futuro estável no País.

Nas Nações Unidas encontram-se, para discutir o problema rodesiano, num jantar oferecido pelo Secretario Geral da ONU Kurt Waldheim, os ministros dos Estrangeiros soviético (Gromiko), americano (Kissinger), francês, o Presidente da Assembleia Geral da ONU e altos funcionários ingleses. Kissinger e Gromiko deverão encontrar-se uma vez mais no dia seguinte. Kissinger deve falar à Assembleia Geral sobre a situação na África Austral, ainda hoje.

Nyerere, o Presidente da Tanzânia, entrevistado pela BBC, disse que os 5 chefes de Estado da Linha da Frente rejeitaram apenas 2 aspectos do programa constitucional proposto por Smith. 1º : rejeitaram a estrutura proposta para o Governo Provisório (Conselho de Estado com igual número de brancos e de negros presidido por um branco sem direito a voto, decisões por maioria de dois terços ; Conselho de Ministros com Smith, reservando para os brancos as pastas de Defesa e da Lei e Ordem). Nyerere disse que os africanos estavam irritados porque não foram consultados prèviamente, nem se discutiram tais detalhes com Kissinger, colocando-se os africanos perante um facto consumado.
O 2º aspecto rejeitado pela Linha da Frente é que o processo de transição estaria sob os auspícios do governo minoritário da Rodésia em vez da Grã-Breta-

.../...

nha. "Estamos reclamando que a Grã-Bretanha assuma a responsabilidade da conferência constitucional e presida a esta conferência", afirmou Nyerere. Para ele, os detalhes do governo provisório podem estabelecer-se em 4 a 6 semanas, tempo em que, com a formação do governo o poder passaria da minoria para a maioria.

Um inquérito publicado na revista "The Point" em Joanesburgo, revela que 39 por cento dos 270 000 brancos da Rodésia tinham afirmado que deixariam o país se a maioria fosse ao poder. No dia seguinte ao discurso de Smith anunciando o plano para o governo provisório, apenas 24 % mantinham a disposição de abandonar o país.

VOZ DA AMERICA - 30.9.76

As notícias da reunião dos 5 Presidentes africanos da linha de Frente, em Lusaka, parecem exageradamente pessimistas. As informações dizem que os presidentes rejeitaram as propostas divulgadas por Smith em que este finalmente aceita o princípio do governo da maioria africana dentro de 2 anos. Mas a questão real é : eles rejeitaram ou eles avançaram as suas opiniões numa retórica revolucionária tal, que leva alguns a ver as suas observações como rejeições? Seria preciso ser muito inocente para esperar dos africanos o mesmo vocabulário de Smith, o homem que os africannos desprezam e detestam. A Africa Negra está interessada na liberdade como uma espécie demitologia actual, como resultado da sua luta armada contra o regime de Smith e não da viagem de Kissinger.

Não é do interesse da Revolucionária Africa negra dizer públicamente : muito obrigado, senhor Secretário. A Africa negra, ao contrário, teve que emitir uma declaração que combina a sua declaração de vitória com a advertência de que aceitando a listade propostas de Smith seria o equivalente a legalizar o que chamam a estrutura racista do poder. A Africa negra fará o possivel para ter o governo de maioria no mais curto prazo possível.

A Africa negra tem 2 linguagens : uma privada e outra pública. Em público usa frases como "a heroica luta armada forçou o regime rebelde e o inimigo em geral a aceitar a inevitabilidade do governo de maioria". Em privado empregam palavras menos deslumbrantes como nas conversações com Kissinger.

O Departamento de Estado assegura que as opiniões negativas são um total mal entendido. O Departamento de Estado ouviu a linha da frente em privado A Africa negra aceita que tudo está em boa marcha. Não querdizer que não haverá mal entendidos no caminho. Nenhuma certeza, mas Kissinger está fazendo o máximo para levar a bom termo as negociações. O Departamento de Estado faz tudo para levar as partes às negociações.

Os enviados americano e británico, Schuafele e Rowlands, encontraram-se com os líderes nacionalistas Joshua Nkomo e Abel Muzorewa.

Um porta-voz tanzaniano criticou o governo británico por querer jogar um papel fácil nas negociações e não assumir as suas responsabilidades como potência colonial. Disse que os participantes das conferências devem ser o governo británico, como poder colonial, e os representantes do povo do Zimbabwe, opondo-se a qualquer papel de Ian Smith. Os brancos poderiam ser representados apenas como um grupo de interesses especiais e não para negociar com os africanos, afirmou.

BBC - 30.9.76

O Bispo Muzorewa, anunciou que retornará dentro de alguns dias a Salisbúria após uma ausência de mais de um ano.

Kissinger advertiu as potências não-africanas contra interferências nos assuntos da Africa Austral. No seu discurso na Assembleia Geral da ONU disse que poderia haver alguns países interessados em alimentar a guerra e os conflitos raciais. Os correspondentes interpretaram como sendo referências à União Soviética.
(Comentário GAP : Será que Kissinger pensa que os Estados Unidos são uma "potência africana" ?)

.../...

N A M I B I A

VOZ DA AMERICA - 30.9.76 : Sam Nujoma, Presidente da SWAPO, estando em Nova York para a Assembleia Geral da ONU, encontrou-se com Kissinger para discutir o problema da Namíbia. Nujoma disse que a sua organização necessita do apoio dos Estados Unidos na luta para o terminar com a administração sul-africana na Namíbia.

Disse que as conversações de Kissinger com Vorster não foram frutuosas porque a Africa do Sul não dava nenhum sinal visível de cumprir as disposições da ONU sobre o território. Declarou : "A SWAPO apenas considera progresso se Vorster aceitar as nossas condições prévias : total obrigação da Africa do Sul em retirar as suas forças armadas da Namíbia e a aceitação pela Africa do Sul de que a ONU supervisione e controle as negociações a se realizarem entre a delegação namíbia e os racistas sul-africanos".

* * * * * * * * * * * * *

BRASIL E ATLANTICO SUL

"Diário de Lisboa" - 24.9.76 : O Ministro das Relações Exteriores brasileiro, Azeredo da Silveira, afastou qualquer possibilidade de o Brasil vir a participar num pacto de defesa junto com a Argentina, o Uruguai e a Africa do Sul. Considerou o projecto um "autêntico absurdo" e lançou veementes ataques à Africa do Sul.

Afirmou : "O bRasil não actuaria num sistema que incluisse a defesa de um regime segregacionaista atentatório da dignidade humana ; o governo de Pertória e o apartheid são, por si sós, expressão da indignidade humana".

* *

GABINETE DE ANALISES POLITICAS

CP 3205 - Luanda - R.P. Angola

6 de Outubro de 1976

A N E X O S

"Angola na Imprensa" nº 34/76

DECLARAÇÕES DOCAMARADA PRESIDENTE A CHEGADA DE LUSAKA E LEITURA DO COMUNICADO CONJUNTO APOS A REUNIAO DE CHEFES DE ESTADO DA "LINHA DA FRENTE" - 26.9.76

"As conversações foram boas. Elas traduzem mais um passo da Africa para a Independên-ia do Continente. Nós pudemos, durante o dia de hoje, analisar os problemas, principalmente do Zimbabwe mas também da Namíbia, para chegarmos a uma atitude comum em relação aos racistas que dominam estes territórios. Eu creio que a camarada directora dos assuntos políticos do Ministério das Relações Exteriores poderáler o texto, que não é uma tradução oficial, mas uma tradução feita de imediato logo após a conferência e que traduz bem os pontos de vista que foram expressos pelos cinco chefes de Estado.

DOCUMENTO

"Nos dias 25 e 26 de Setembro de 1976, reuniram-se em Lusaka, capital da República da Zambia, os presidentes Julius Nyerere, da República Unida da Tanzania ; Sir Seretze Kama, da República do Botswana ; Samora Machel, da República Popular de Moçambique ; Agostinho Neto, da República Popularde Angola e Kenneth Kaunda, da República da Zambia, a fim de passarem revista aos recentes acontecimentos decorrentes da luta de libertação nacional do povo do Zimbabwe contra o colonialismo britânico e o regime racista ilegal e minoritário.

A luta do povo do Zimbabwe, a solidariedade internacional e o respeitante à execução na prática de sanções e a acção coordenada de toda força e Estados anticolonialistas conseguiram o isolamento e o colapso ilegal racista e minoritário da colônia inglesa chamada Rodésia do Sul.

Os Presidentes saudaram e felicitaram o Povo e combatentes do Zimbabwe que, através de uma luta armada dura e heróica obrigaram o regime rebelde e minoritário, e o inimigo em geral, a reconhecer e aceitar a inevitabilidade do governo de maioria e a necessidade de formar imediatamente um governo de transição para levar a bom termo esse principio. Assim, as vitórias alcançadas na sua luta armada criaram as condições favoráveis para a realização de uma conferência constitucional. Esta é uma vitória para toda a Africa, para a Humanidade e, em especial, para os países e povos que se sacrificaram para que o povo irmão do Zimbabwe pudesse ser livre.

Agora que as pressões da luta armada obrigaram o inimigo a aceitar o governo de maioria, como condição para a independência imediata, os cinco presidentes instam o governo britâncio no sentido de convocar uma conferência constitucional fora do Zimbabwe, com a participação dos autênticos e legítimos representantes do povo a fim de :

a) Discutir a estrutura funções do governo de Transição ;
b) Formar o Governo de transição ;
c) Discutir as modalidades para a realização de uma conferência constitucional que redigiria a constituiçãopara o Zimbabwe independente ;
d) Estabelecer as bases sobre as quais a paz e a normalidade poderiam voltar ao território.

.../...

Para a concretização destes objectivos prevêm-se duas fases. A primeira fase, seria a formação de um governo de transição de maioria africana. A segunda ocupar-se-ia dos detalhesda constituição do Zimbabwe independente.

Os presidentes estudaram cuidadosamente as propostas tornadas públicas pelo regime racista e concluiram que a sua aceitação seria o mesmo que legalizar as estruturas do poder colonialista e racista. Qualquerdetalhe referente à estrutura efunções do governo de transição deverá ser estudado pela conferência.

Os cinco Presidentes reafirmaram, calorosamente, o seu apoio à causa da libertação e a luta armada no Zimbabwe.

A luta continua."

Em seguida o Camarada Presidente afirmou :

"Os cinco chefes de Estado assentaram em alguns princípios que são importantes. Um deles é que não deve existir uma situação colonial. Talvez nós aqui em Angola não o compreendamos bem, mas é que, em relação à Rodésia, fala-se sempre na necessidade de a maioria governar o país. Não se trata só da maioria Governar o País, trata-se de expulsar da Rodésia - amanhã Zimbabwe - todos os colonos ingleses uqe lá estão. É preciso modificar o estatuto dos ingleses que estão na Rodésia.

Portanto há um estatuto que é precisc modificar. Os ingleses são colonos e os donos da terra são os zimbabweanos.

Nós chegâmos também à conclusão que o regime da maioria só poderia persistir durante algum tempo. Na segunda fase seria através de outros processos democráticos que nós atingiríamos a real dominação de todo o Povo do Zimbabwe pelo próprio Povo, por aqueles que mais têm feito, aqueles que mais se esforçaram na constituição do Zimbabwe.

E devo dizer que nós temos, aqui, oproblema da Namíbia. Certo que, em relação à Namíbia foram tomadas também certas decisões que não vêm nesta declaração, mas nós pensamos que tudo aquilo que tem sido feito, até agora, não é válido, porque na Namíbia o que existe é a dominação da Africa do Sul sobre o povo da Namíbia e agora,para resolver estes problemas da Namíbia é necessário que haja uma conferência entre a SWAPO, único movimento que é reconhecidopela ONU e pela OUA , e a Africa do Sul. Não pode serde outra maneira.

A Africa do Sul pretende fugir às suas responsabilidades, dizendo que nao é a Africa do Sul que deve discutir, mas sim certos chefes das regiões da Namíbia. Essa é uma maneira bastante hábil de por o problema, mas que ninguém pode aceitar, pois quem domina de facto a Namíbia é a Africa do Sul e, portanto, as conversações para a independência da Namíbia devem ser feitas entre a SWAPO e os s l-africanos. Por outro lado, se verificarmos que a Africa do Sul domina toda a economia da Namíbia, que a Africa do Sul tem as suas forças armadas na Namíbia (que até se permitiram fazer ataques ao nosso País), é necessário que est a dominação económica e militar cesse para que o Povo da Namíbia seja independente.

Nós, portanto, convimos que a SWAPO deverá negociar com a Africa do Sul a sua independência, nosentido de ter as Forças Armadas sul-africanas fora do seu País e ter também o controle da economia da Namíbia nas mãos dos namibianos.

.../...

Eu creio que estas são resoluções bastante positivas, resoluções bastante importantes para os Povos de Africa eque, na medida do possível, a nossa República Popular de Angola vai procurar desenvolver.

Há um facto, por último, que eu quero sublinhar aqui : é que esta reunião fez-se depois da visita de um diplomata americano.

Muito estranhamente, os maericanos (que apoiaram os colonialistas portugueses, que têm apoiado os racistas sul-africanos e os racistas rodesianos, que têm apoiado a dominação da Namíbia) de repente, viram-se com vocação para a libertação desses povos !

Nós cremos que as decisões que foram tomadas, retiram imediatamente aos americanos toda a pretensão de querer tomar a iniciativa da libertaçao do Zimbabwe, da libertação da Namíbia. A iniciativa só pode serdos próprios zimbabwianos ou dos próprios namibianos. Pode ser uma iniciativa dos Povos africanos, mas nunca dos Estados Unidos da América, que são um país imperialista e que têm procurado, única e simplesmente, dominar e explorar os outros povos. E, esse, é um outro facto importante."

****

DECLARAÇÕES DO CAMARADA LUCIO LARA, SECRETARIO DO BUREAU POLITICO DO MPLA, NO ENCERRAMENTO DO 1º CURSO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA - 28.9.76

"(...) Podemos dizer que temos hoje aqui o embrião do que vai ser a informação angolana, o que vai ser a propaganda em Angola, do que vai ser o trabalho de agitação orientado no nosso país.

Não chega nós formarmos activistas, não chega darem-se palavras de ordem, é precisod que elas cheguem aonde é necessário, às massas, para que possam ser estudadas por elas para poderem ser aplicadas. Este é um trabalho da informação.

(...) Nós hoje somos uma República Popular, temos objectivos determinados, temos uma opção socialista a defender e a concretizar e para issoa Informação é a arma mais eficaz de que nós nos podemos servir.

E felizmente em Angola osmeios não faltam. Conhecendo alguns países de Africa, nós podemos dizer que em Angola, somos dos maisbem servidos. Nós podemos hoje, em muitas das cidades de Angola, ter um jornal, nós temos em muitas delas emissores regionais e ninguém ignora que o nosso Governo está a preparar-se para levar também a televisão aos diversos pontos de Angola. Quer dizer, portanto, que os instrumentos existem e o que nos resta agora é saber utilizá-los em benefício do nosso Povo, em benefício da nossa Revolução.

Aqui é que é necessário nós fazermos muita atenção.

Muitas vezes os camaradas dos DIPs queixam-se, e com razão, de falta de meios materiais e assediam os seus responsáveis com a necessidade de dotar o Departamento Central e os Departamentos Regionais de mais meios financeiros e técnicos. Essa é uma necessidade, é certo, mas certamente os camaradas terão aprendido que a iniciativa militante em muitas ocasiões pode suprir as dificuldades que naturalmente nós vamos encontrar e que nós encontramos já, ainda mais até porque estamos em período de colmatar as bre

.../...

chas causadas pela guerra de libertação.

Nós hojenão podemos deixar-nos ficar no isolamento em que o imperialismo pretende colocar-nos. Portanto é necessário que nos armemos de um certo tipo de material. E cabe aos DIPs realizarem o que é necessário dar a conhecer. Não é sòmente difundirem palavras de ordem que muitas vezes se perdem sem aplicação prática, porque não se lhes explica o significado.

É necessário que cada DIP/Regional saiba interpretar as verdadeiras preocupações do nosso Povo, do nosso Governo e do nosso Movimento e que essas preocupações, a cada momento, venham cá para fora não só para o nosso público, para o público angolano, mas também para o público estrangeiro.

Por exemplo os programas de rádio, no plano puramente formal (...) se nós estamos a falar em francês na rádio, temos de falar um francês correcto e parece que isso não acontece sempre. (...) Se estamos a falar inglês é preciso que o falemos correctamente para que o ouvinte se sinta atraído.(...) É preciso que se saiba que as pessoas que falam numa língua e que ouvem na sua língua, gostam de ouvir a sua língua bem falada.

E depois precisamos de ver o conteúdo. (...) As vezes a televisão, a rádio ou os jornais referem-se a um Chefe de Estado amigo ou não amigo, em termos que não convêm ao Governo ou ao nosso Movimento. Portanto é necessário ter-se cuidado com isso, é necessário saber-se o que é que o Movimento quer que se diga, PORQUE É O MOVIMENTO QUEM ORIENTA.
E não dizermos aquilo que se pensa ; se eu penso que tal Chefe de Estado é reaccionário, não vou para a rádio dizer "o reaccionário fulano de tal...", não posso. Preciso de saber se o nosso Movimento autoriza ou está de acordo que se diga isso

Muitas vezes as pequeninas contradições da capital provincial vêm para a rádio. Ora é preciso cuidado com isso. Essas pequenas contradições resolvem-se nas reuniões dos grupos de acção, nas reuniões da direcção. Não se vai para a rádio explicar o seu ponto de vista contra o ponto de vista do camarada responsável de tal departamento, ou de tal secção do Governo, porque isso desorienta o nosso Povo, o nosso Povo começa a não entender bem o que é que se quer.

E da mesma maneira a nossa imprensa precisa de muita afinação. Para isso nós fazemos inteira confiança aos camaradas que agora vão começar a exercer as suas funções como responsáveis dos DIPs. Vamos ter cuidado, vamos criticar permanentemente a nossa imprensa. Não é criticar em jornais; vamos falar aos camaradas, vamos escrever-lhes, vamos chamá-los para dizer-lhes que tal, tal e tal referência, tal e tal artigo saiem da linha do MPLA, não estão de acordo com a orientação do nosso Movimento. Vamos educá-los porque eles precisam de ser educados.

E nós precisavamos portanto deste núcleo de camaradas que aprenderam,não em termos clássicos, digamos assim, em termos antigos, em termos burgueses, aprenderam em termos revolucionários, em termos de classe - o que deve ser a informação. Aprenderam em termos de luta, em termos de Revolução. Nós não estamos aqui numa Angola de pradarias, em que o gado vai pastar, em que tudo é bonito. Nós estamos cercados do imperialismo por todos os lados e até pelo mar. Portanto nós precisamos de estar muito vigilantes com tudo, com a orientação que damos ao nosso Povo. Não podemos desorientar o nosso Povo, ele tem de saber bem como se defender, e QUEM O ENSINA A DEFENDER-SE É O MPLA MAIS NINGUÉM.

Portanto esta é a nossa preocupação. A vossa vigilância deve incidir permanentemente sobre a desorientação que muitos camaradas diletantes às vezes lançam no nosso Povo.
As vezes há diletantismo político, às vezes há teoricismo político. Há camaradas que gostam muito de teorizar.

Ainda no último número do "Angolense" eu li um artigo muito interessante sobre as classes em Africa, mas não vi absolutamente nada sobre esse mes

.../...

mo problema em Angola. Mas então, nós estamos a educar quem ? Estamos a falar de quem ? Estamos a falar para quem ?

Nós estamos a educar o nosso Povo, estamos a educar-nos a nós mesmos e temos de falar para o nosso Povo sobre os nossos problemas em primeiro lugar, porque esta coisa de divagação ... O Povo não está para divagações ; o sul-africano está ali cada vez mais agressivo, temos notícias inquietantes do Norte, precisamos de estar muito vigilantes e do Leste, ápesar da cordialidade que tem presidido ultimamente às nossas relações com os nossos vizinhos do Leste, ainda há infiltrações. E, portanto, nós temos de estar vigilantes. E do mar não sabemos o que é que pode vir ; quantas vezes se fala nessa história do Atlântico Sul ? Há brasileiros, argentinos, sul-africanos, tudo empenhado nessa história do Atlântico-Sul, que é um esquema ligado ao Pacto do Atlântico Norte. Quer isto dizer que nós temos de estar muito vigilantes. Portanto temos de estar vigilantes no Norte, Sul, Este e Oeste. E temos de estar vigilantes com o que estamos a fazer cá dentro.

Estamos a construir, estamos a colmatar uma sériede brechas que a guerra nos abriu e não podemos perder tempo em diletantismo.
É preciso acabar com o diletantismo, é preciso atacarmos os problemas concretos e nisso os DIPs, os camaradas, têm uma responsabilidade enorme. Não aceitem, não admitam, diletantismos. Olhem para o vosso lado, olhem para as aldeias para onde vão ; vão mesmo muito às aldeias, vejam os problemas do Povo e falem desses problemas.
Não é falar por falar, apontem soluções, aquelas que vocês ouvem do Povo E podem ter a certeza que essa via é revolucionária.
Não vamos estar com diletantismos aqui, vamos realizar tarefas concretas

Nós precisamos de muita gente na Informação e de gente capacitada, gente militante, sobretudo gente militante. Militante quer dizer, vivendo os problemas económicos, sociais, revolucionários do momento. Vivendo e procurando participar na sua solução. Não é assistir como um espectador aos problemas para escrever bonitamente o que se está a passar. Vamos participar como militantes na solução desses problemas.
Portanto eu creio que para vós a preocupação vai ser superarem-se na prática para depois se enriquecerem com mais teoria.
E eu tenho a certeza que nós encontraremos sempre quando os nossos meios não forem suficientes, a mesma solidariedade, a mesma amizade militante naqueles mesmos amigos que agora nos ajudaram a ter este núcleo sobre o qual o MPLA, o DIP, o DOP e o DOM depositam grandes esperanças."

****

ENTREVISTA DO CAMARADA MARCELINO DOS SANTOS, VICE-PRESIDENTE DA FRELIMO E MINISTRO DO PLANEAMENTO DA REPUBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE, ao "Jornal de Angola" - 26 e 27 de Setembro de 1976 (Extractos)

RELAÇÕES MOÇAMBIQUE-ANGOLA

As relações entre Moçambique e Angola deverão desenvolver-se ao mais alto nível possível, tornar-se mais profundas e cobrindo os mais diversos campos.

Primeiro, porque entre a FRELIMO e o MPLA se fecundou essa tradição. Estivemos juntos na CONCP, estivemos juntos na luta e foi nesses momentos fun

.../...

damentais, das grandes dificuldades, da guerra anti-colonial, que lançamos as bases dessas relações. Finalmente, agora, que é preciso consolidar as nossas independências, elas devem assumir toda a sua expressão. (...)

Hoje nós sabemos que Moçambique e Angola encontram-se, passo a passo, com os mesmos inimigos. Encontramo-nos aqui, na Africa Austral, onde temos os vizinhos racistas e colonialistas da Rodésia de Smith e da Africa do Sul de Vorster a abater. Temos o apoio a fornecer aos movimentos de libertação da Namíbia, do Zimbabwe e da Africa do Sul e sabemos que Vorster e Smith não são senão os peões avançados do imperialismo. Temos este combate a fazer e esse combate exige o apoio aos movimentos de libertação porque a República Popular de Moçambique e a República Popular de Angola são consideradas por Smith e Vorster como inimigos. Esses regimes não suportam a existência de regimes populares. Como nós costumamos dizer, se em vez de sermos República Popular de Moçambique fossemos República Capitalista de Moçambique, não havia problemas. E o mesmo em relação a Angola. Nao haveria problemas para a Africa do Sul e para a Rodésia - mas haveria problemas para os nossos Povos !

(...) Por isso mesmo Angola e Moçambique têm necessidade, têm interesse em que agora com a independência, as nossas relações cubram os diferentes sectores - económicos culturais, sociais e desenvolver conjuntamente o trabalho político como já vinham fazendo.
Agora trata-se de saber as formas como nós vamos realizar isto. Neste momento temos problemas de divisas em Moçambique. Angola tem problemas de divisas (,..) Então vamos organizar um sistema que nos permita evitar ter que fazer uso de divisas.
Vamos ver também como é que devemos processar onosso desenvolvimento industrial. Estabelecer relações, contactos, de maneira a estarmos ao corrente das dificuldades que cada um enfrenta, trocar pontos de vista e experiências.
As comunicações entre os nossos dois países, neste momento, são muito difíceis. Comunicações aereas, comunicações marítimas. Temos que ver esses problemas.

O INIMIGO COMUM : O IMPERIALISMO E A REACÇÃO INTERNA

(...) Os problemas que os camaradas têm aqui, nós temos lá tambem.
Mas quem está por detrás disso tudo, da subversão, da sabotagem económica ? Essas coisas todas são muito claras, muito concretas, têm nome : É o IMPERIALISMO, é a REACÇÃO. E que é a reacção ? São aqueles que estão dentro donosso País e que não suerem,porque não querem realmente, o Poder Popular.

Esses gostariam que a independência fosse simplesmente substituir portugueses por moçambicanos ou por angolanos. Os que pensam "saiudaqui um branco, agora vou eu ficar, mas vou manter o mesmo sistema de exploração.." isto é a reacção interna - uma burguesia local, que ainda nõ tem personalidade, mas que quer fazer a sua personalidade agora.
Mas nós temos de combater, temos de a combater, temos que impor realmente o Poder Popular.

DESCOLONIZAÇÃO

(...) O caso de Portugal : Portugal invadiu Moçambique, conquistou Moçambique, ganhou a guerra contra o povo moçambicano. Nós não vamos pedir a Portugal para indemnizar nada !...
Agora nós ganhámos a guerra, derrotámos o exército colonial fascista português. Conquistamos tudo aquilo. Não admitimos que o governo português venha pedir qualquer coisa que nós conquistamos. As nacionalizações ? São apenas o resultado da nossa vitória sobre o inimigo. Nós conquistâmos - portanto não devemos nada a Portugal. O Povo moçambicano lutou, o Povo moçambicano caiu, fertilizando a terra com sangue e deu-lhe sacrifícios e deu suor...

Dizemos : isso é História. Devemos assumir completamente a História. E não vamos pedir nada - vamos arrancar !

.../...

A fuga de técnicos... As vezes a gente olha para eles e dizemos assim :"A fuga de técnicos foi um mal". Foi. Causou-nos muitas dificuldades. Mas, muitas vezes, os que não fugiram na altura da independência é porque estavam a criar condições para fugiremmelhor. Para ao fugirem roubarem ainda mais. E pensamos que se querem ir embora é bom que vão. Assim sabemos com quem podemos contar.

SOLIDARIEDADE ENTRE PAISES SUBDESENVOLVIDOS

Qual é a solidariedade, e em que termos é que sedeve desenvolver a solidariefade entre os países subdesenvolvidos ? Como resolver esses problemas de matérias primas, seus preços, quem os fixa, como é que consolidaremos a nossa unidade ? São todos esses os problemas da CNUCED (ou UNCTAD).
Nesta altura, os países subdesenvolvidos estão tentando encontrar uma plataforma de unidade e de acção comum e de acção comum e temos de ver, nesse combate, qual é a orientação que se deve tomar.

AFRICA AUSTRAL

A Tanzânia, a Zambia, a todos esses países não lhes foi entregue o Poder ; os ingleses não entregaram oPoder a ninguém. Os povos desses países conquistaram o Poder. (...)

Mas falando do ataque contra NYAZONIA. Eles teriam gostado que Moçambique fosse avançando pela Rodésia e atacando, para dizerem : "Estão a ver ? Moçambique está a atacar a Rodésia..." E então já teriam todas as justificações para trazerem toda acção imperialista contra o nosso País.
Concretamente, Smithqueria lançar para fora das suas fronteiras as contradições que tem dentro das suas fronteiras. Queria exportar a guerra, para desviar-se do problema da liberdade do Zimbabwe (...). Não foi dificil compreender a manobra do inimigo. (...)
Mas nós devemos ter claro que isto não é uma manobra de Smith sòzinho, é uma manobra do imperialismo, cujo objectivo vive e permanecerá vivo ainda por muito tempo, enquanto ele próprio não for liquidado.

ZIMBABWE

(...) O Povo do Zimbabwe deve dizer: "O noseo programa agora é um programa de libertação nacional ; é liquidar o regime de Smith e implantar um regime em que não haja exploração." Eles próprios disseram que : "aqui não se trata de uma guerra racista, trata-se de liquidar um regime que nos explora. Para realizar esses objectivos engajamo-nos na luta armada pedimos à Africa, pedimos ao Mundo, para nos apoiar."

A nossa posição é essa : APOIAR o Movimento delibertação que já definiu o seu programa, que nesta fase é um programa de libertação nacional.

(...) Manobras imperialistas há muitas ! Não devemos perder tempo a discutir : "Ah ! o que pensa do plano ?" Não é isso que nos interessa. Interessa-nos sim que há uma condição de base : que os Estados Unidos reconheçam o movimento de libertação, aceitem o seu programa. Enquanto isso não acontecer, não vale a pena perder tempo.

NAMIBIA

(...) A única coisa que há na Namíbia é a SWAPO ! Tudo o resto, são fantoches, pequenos bantustões, não valem nada, não representam nada. Como não representa nada esse Transkei ali da Africa do Sul. A OUA já decidiu que não o vai reconhecer, ele não significa nada. (...)

Aliás sabemos bem que essas coisas de comer bem sem ter realmente suado depois as coisas não têm gosto. As coisas têm gosto quando as pessoas lutam por elas. Independência tem gosto quando a gente a conquista. A gente gosta mais da nossa terra quando lutamos para a defender e construir. Não temos medo. Quando estamos a ajudar os movimentos de libertação, estamos a ajudar a construir a nossa própria independência.

OUA

(...) É um facto que o nosso Conti-

.../...

nente e formadopelos mais diferentes regimes. (...)
Mas todos os nossos Povos estão interessados na luta contra o racismo e o colonialismo e também na luta contra o neo-colonialismo e o imperialismo. A compreensão que dirigentes de diversos países têm dessa realidade é diferente e é isso que faz a tal gama de matrizes ideológicas. Mas tomemos esta base fundamental : todos os Povos estão interessados e há, realmente, muitos governos que se identificaram já com os seus Povos (...)
Hoje, muitos países falam de socialismo. Depois, cada um junta um certo adjectivo, para dar a sua coloração particular. Esses dizem socialismo e qualquer coisa mais, para desnaturar o socialismo. Mas enfim ... eles falam do socialismo porque sabem que os seus povos o querem. (...)

No caso da OUA, nós pensamos que não há dúvida nenhuma que, com o fim do racismo e do colonialismo uma nova fase aparece para a Africa. Mas cremos que ja existe o cimento. O cimento fundamental da OUA,era a luta contra o colonialismo, em 1963.Mas muitos países já se tornaram independentes, esse cimento diminuiu. Outro aparece Há a acrescentar à independência política a independência económica. E isto jé existe, já começou a formar-se.
Portanto um novo cimento aparece e à medida que, por um lado, os povos oprimidos desenvolvem a sua luta, por outro lado um certo número de países que existemem Africa consolidam a sua independência, criando, como em Angola, o Poder Popular. Há um desenvolvimento do cimento unificador em Africa, emnovas bases. (...)

Em nosso entender é importante manter a unidade, mas elevando o nível político desta unidade.(...) Não dividir, mas criar novas condições para que haja um fenómeno derejeição das cargas impuras e para nós, rejeição das cargas impuras não deve ser rejeição de um país, mas que alguns regimes, em certos países, sejam rejeitados. Que esses povos porém, permaneçam sempre na OUA, tenham sempre lá o seu representante. (...) O fenómeno de rejeição será o de desenvolver este movimento geral da Africa, sem que haja interferência Nós não temos necessiade de interferir em nenhum país, mas os próprios povos crescem, desenvolvem as suas lutas, constroiem os seus regimes. Assim se desenvolverá a qualidade política da OUA, se desenvolverá o nível político e a unidade dos países membros da OUA.

NAO PODEMOS CRIAR UMA SOCIEDADE NOVA COM VALORES VELHOS

Penso que hoje estamos em condições realmente de conseguir esses resultados novos. O nível de consciência política dos povos em Africa cresceu muito e nós, nos nossos países, demos uma boa contribuição. A nossa entrada na OUA, como países independentes,foi uma grande contribuição para o desenvolvimento do nível político da OUA.

Nós damos a nossa contribuição e damola desenvolvendo a revolução no nosso País, afirmando em particular que uma sociedade nova se cria com homens novos, com ideias novas. (...)
No nosso País fazemos um combate muito forte contra os problemas de imoralidade, do desrespeito à mulher. Essa coisa de ter amantes e isso e aquilo, consideramos que são valores reaccionários, valores do inimigo e que só servem para minar a nossa revolução. Nós pensamos que a bebedeira é um valor da reacção, que o colonialismo nos inculcou (...).
Nós não queremos herdar absolutamente nada do colonialismo, nada, nada. Estamos convencidos de que a corrida ao conforto, que é um valor do inimigo, do colonialismo, do capitalismo, que não interessa, não tem nada a ver com a sociedade nova em Moçambique e estou convencido que também nao tem nada a ver com a sociedade angolana(...)

Este trabalho que se está a fazer nos nossos países é uma frande contribuição para Africa, criando um homem novo. Nós temosde ser severos, severos, e eu penso que vamos triunfar.
O Povo angolano vai triunfar !
Desejo muitas felicidades ao Povo angolano, que continue neste comabte, que vá para a frente ! É aí que está o segredo da vitória. Criar um homem novo em todos os lugares onde vencemos o colonialismo e o imperialismo. Se não não há sociedade nova nenhuma. Não podemos criar uma sociedade nova com valores velhos.

****

EXTRACTOS DO DISCURSO DO CAMARADA NITO ALVES, MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA, NA INDUVE, a 29.9.76:

...A função política dos operários, na produção, é exactamente o problema de consolidar a nossa independência económica. E é importante que o nosso País não viva de importações em relação àquilo que pode ser produzido cá em Angola. (...)

...da mesma maneira que a máquina e a produção esbatem as diferenças de tribo, etc., ela também é um forte factor para que as diferenças raciais desapareçam dia após dia. Porque - dizia eu - o que interessa não é olhar para a cor do camarada com quem estou a trabalhar. O que interessa, basicamente, é o papel que este camarada do lado desempenha. (...) É ali, no processo de produção que, de facto, o homem novo em Angola há de surgir. Perfeitamente despido das taras do tribalismo, do regionalismo e do racismo.

...

Este trabalho voluntário é um dos aspectos importantes da nova moral operária de trabalho. (...) O povo, não só militante do MPLA, como até aquele que não é militante do MPLA, deve estar envolvido no trabalho voluntário. Por esta razão, é um empreendimento gigantescamente vasto em que a UNTA é a instituição que tem a seu cargo esta orientação do trabalho dos operários e do seu enquadramento. (...) O trabalho voluntário deve ser também incentivado dentro da própria fábrica. Quer dizer que, para além de outros camaradas que nos vêm ajudar, é importante que, dentro da própria indústria, se incentive o próprio trabalho voluntário. (...) A imprensa tem que dar uma divulgação bastante ampla desse trabalho voluntário. A imprensa, a Rádio e a TV são instrumentos magistralmente importantes neste processo de publicidade.

(...)

Quer dizer que o processo de organização deveria caminhar a par e passo com o processo da produção, ou melhor, no interesse da linha política do MPLA, seria desejável que o processo de organização avançasse um bocado em relação ao processo de produção. É uma situação bastante grave quando o volume da produção não acompanha o volume da organização.

(...)

Há formas superiores e última de vigilância: toda a vigilância em relação ao imperialismo internacional. (...) O imperialismo tentará, por todos os meios, fazer a vida cara aos nossos revolucionários e há-de fazê-la por todos os meios possíveis, não só a partir de fronteiras com governos fantoches, mas usando mecanismos internos, também. Não se pode compreender uma manobra reaccionáaria que venha de longe, se "dentro" as condições não estão para isso criadas. Quer dizer que toda a manobra imperialista nasce fora, mas ela tentará estar presente em Angola, e só poderá conseguir os seus objectivos - e não acredito que consiga - se internamente estiverem reunidas as condições para isso.

(...)

A melhor forma de se premiar, nesta fase, os camaradas que mais se destacam, além de viagens para fora, para que os camaradas operários tenham maiores conhecimentos ao contactarem outras experiências de produção -... o melhor prémio seria o de os melhores operários (numa altura em que o MPLA fala em Partido) os mais revolucionários serem de facto convidados para ingressarem nos quadros do nosso glorioso MPLA. ... esses camaradas deveriam também, além, além de forma normal do processo de enquadramento, serem premiados com um curso nas escolas do Partido.

++++++++++++++++++++++

EDITORIAL DO "JORNAL DO BRASIL" DE 18.9.76, SOBRE A ÁFRICA AUSTRAL, SOB O TÍTULO "CÁLCULO E ESPERANÇA":

Embora o Presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda tenha advertido o Secretário de Estado Henry Kissinger de que ele dispõe apenas de dias, e não de semanas, para agir em relação ao Sul da África, o fato de que um líder negro, por mais mo -

derado que ele seja, reconheça a existência de uma "missão Kissinger", no grau de emocionalismo em que se encontra colocada a questão, representa o primeiro trunfo com que conta o Secretário de Estado no desempenho do que pode ser a missão mais importante da sua vida — como também a última.

(...) Trata-se de evitar, depois do anticlímax vietnamita, que toda uma região troque bruscamente de posição na geopolítica do Poder mundial. Para evitar esse grande Waterloo da influência americana, que teria consequências imprevisíveis para todo o mundo não socialista, Kissinger dispõe, segundo suas próprias estimativas, de 50% de chances. Trata-se de um cálculo ou de uma esperança?

A questão tem um complicador suplementar. Tudo o que o Secretário de Estado tentar fazer a partir de agora poderá ser jogado no débito da conta americana, como sendo uma tentativa de prolongar o domínio do homem branco na África. Como lutar por uma solução negociada, sem dar ao mesmo tempo a impressão de que se trata sobretudo de slavar o espóleo acumulado pela "tribo" dos "afrikaneer"? De que os Estados Unidos estão do lado do apartheid, por mais que a diplomacia americana, numa decisão perigosamente recente, sustente em minhas gerais o princípio do Governo de maioria, que se quer aplicar inicialmente à Rodésia?

Há aí o suficiente para fazer impalidecer um negociador, ainda que ele se chame Henry Kissinger. E embora se possa dizer, como já está sendo dito, que o Secretário de Estado age por interesse eleitoral do Governo a que pertence, e embora também seja verdade que a diplomacia kissingeriana prima muitas vezes pela falta de clareza, e pela sedução das soluções de compromisso, que não são um bom sucedâneo para as soluções definitivas, esta missão à Africa do Sul, ainda que fracasse, e ainda que seja a última, ficará sempre como um esforço solitário para inserir um mínimo de racionalidade numa situação de desvario. De alguma maneira, o vaivém kissingeriano tem-se mostrado capaz de interromper crises insolúveis, como a do Oriente Médio. E a ausência de guerra, se não chega a ser a paz, é melhor do que a guerra.

Quanto às chances de sucesso, que se chocam com a intransigência dos dois lados, não são inexistentes quando se pensa que, de um lado, a conquista da Rodésia pelas armas - para não falar da África do Sul — não será proeza pequena. Do lado dos brancos, a intransigência também pode desaparecer quando os negros da Africa do Sul aprenderem a usar uma arma mortífera com que estão fazendo os primeiros ensaios: a greve. Na curiosa divisão de trabalho que caracteriza o "apartheid", a abstenção do braço negro equivale também à paralização do país. E não é necessário um Gandhi para que argumento tão forte produza efeitos.

++++++++++++++++++++++++++

O CAPITALISMO NÃO ESTÁ EM CONDIÇÕES DE SUPERAR A SUA ACTUAL CRISE - SEGUNDO O FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (Diário Popular, Portugal, 22.9.76)

O aumento da inflação, o desemprego e o mau aproveitamento das capacidades industriais continuaram a ser as características principais da crise económica capitalista em 1975-76, segundo o Fundo Monetário Internacional. Na sua informação anual, O FMI conclui que o capitalismo não está em condições de superar a actual crise, a mais grave das últimas 4 décadas. A este respeito destaca que a taxa inflacionária do ano duplicou o nível médio da década passada, mantendo-se excessivamente alto o desemprego e o desaproveitamento do potencial de produção nos países baseados no sistema de livre empresa.
Esta situação reduziu o volume do comércio internacional em 4 ou 5 por cento durante 1975, sofrendo as maiores consequências os países subdesenvolvidos que viram deteriorar-se ainda mais as desiguais condições de intercâmbio. Salienta que os valores exportados por estes países ficaram muito abaixo dos das manufacturas importadas. A informação sublinha o alarmante aumento da inflação nos países capitalistas e propõe controlos não oficiais sobre os salários, em vez de limitações à produção industrial com o consequente aumento do desemprego.

++++++++++++++++++++++++++++++

G.A.P. 4.10.1976

RR-38-01